

ARTIGO

A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE FRONTEIRA NO ESPAÇO TRANSFRONTEIRIÇO DO BRASIL E DA GUIANA¹

Resumo

Este artigo tem como objeto as dinâmicas culturais das trocas culturais entre os habitantes da cidade brasileira de Bonfim e a cidade igualmente fronteiriça de Lethem, pertencente à República da Guiana. Essa fronteira é um espaço de múltiplas culturas e, conseqüentemente, lugar de contatos, trocas, negociações e ressignificação de elementos culturais. Para as populações destas duas cidades as noções de espaço e nacionalidade muitas vezes são tão abstratas quanto à ideia da existência de uma linha demarcatória que os separa do outro país. Sendo assim, entendemos que essa fronteira deve ser analisada não apenas como algo que divide, marcada pela construção de *bitos* que representam os limite e divisões das nações, mas pensada em sua dimensão de lugar de trânsito, de passagem, de comunicação, enfim de práticas transfronteiriças que implicam empréstimos culturais e trocas simbólicas.

Palavras-chave:

Cultura. Fronteira. Cultura de Fronteira.

Abstract

This article is related to the cultural dynamics of cultural exchanges between the inhabitants of the Brazilian town of Bonfim and the border town of Lethem that belongs to the Republic of Guyana. This area is a space of multiple cultures and, therefore, a place of contacts, exchanges, negotiations and reframing of cultural elements. For the populations of these two towns, the notions of space and nationality are often so abstract as the idea of the presence of a demarcation line which separates them from the other country. Thus, we believe that this boundary should be analyzed not only as something that divides, characterized by construction of marks representing the boundary and divisions of nations, but thought in its dimension of place of transit, crossing, communication, short-border practices that imply in cultural loans and symbolic exchanges.

Keywords:

Culture. Border. Frontier Culture.

¹ Pesquisa desenvolvida com o apoio parcial do CNPq Edital Universal/2013 coordenado pela Profa. Dra. Francilene Santos Rodrigues.

* Professor substituto da Universidade Federal de Roraima - UFRR. Pós-graduado em Educação Inclusiva pelo Uniseb - SP. Mestre em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF/UFRR). E-mail: avdemenezes51@yahoo.com.br

** Doutora em Ciências Sociais, líder GP/CNPq – GEIFRON - Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras e professora do PPGSOF/UFRR. E-mail: francierodrigues@yahoo.com.br

Introdução

Este artigo tem como objetivo abordar as dinâmicas culturais das trocas culturais entre os habitantes da cidade brasileira de Bonfim e a cidade igualmente fronteira de Lethem, pertencente à República da Guiana. Pretende-se, ainda, identificar o processo de formação de uma cultura de fronteira em que a circulação de elementos culturais são negociados e reorganizados nas culturas das populações dessa fronteira.

As diversidades culturais e étnicas existentes na fronteira Brasil-Guiana sugerem uma nova e peculiar articulação dos espaços no cotidiano de seus moradores, principalmente a partir das relações que se estabelecem entre essas populações, inclusive, os conflitos e os mecanismos para superá-los. O trânsito de diversas populações nacionais e étnicas nessa região transfronteiriça coloca em cheque os limites, aparentemente fixos, dos Estados Nacionais. As imagens cristalizadas e delimitadas dos mapas das nações não correspondem à dinâmica da vida nos espaços fronteiriços. Essas populações estão habituadas a mover-se com total liberdade para um lado e para outro. A mobilidade da população de um a outro lado da fronteira é uma estratégia habitual, tal como ocorre em outros contextos fronteiriços. Essa fronteira é um espaço de encontro de diversas culturas e, conseqüentemente, o lugar de contatos e trocas culturais, de negociações e ressignificação de elementos que se constituem em uma cultura própria e singular.

Neste artigo apresento não só este espaço transfronteiriço e as suas diversidades culturais e étnicas como também o papel que essa fronteira exerce como elemento articulador das relações sociais cotidianas dessas populações. Na primeira parte deste sítio o lugar fronteiriço de Bonfim e Lethem. Na segunda faço a abordagem conceitual da fronteira Brasil-Guiana, e a visão de vários teóricos sobre a categoria “cultura de fronteira”, e descrevo a forma cultural específica existente nessa fronteira, terminando com as considerações finais.

O lugar transfronteiriço: o lado de cá e o lado de lá

Como já dito, o lócus deste trabalho é o espaço transfronteiriço constituído pela área urbana de Bonfim, no Brasil, e Lethem, na República Cooperativista da Guiana. Desta forma, torna-se essencial apresentar aspectos socioeconômicos e culturais desse lugar.

Bonfim é parte da região que formava o grande arco pecuarista do Alto Rio Branco no século XIX, que atuava como núcleo de comércio para atender a demanda regional da pecuária bovina. O atual município de Bonfim, criado em 1982,

manteve-se na condição de região de pecuária. A região do Alto Rio Branco, onde se localiza Bonfim e Lethem, era habitada por diversos povos indígenas quando os colonizadores portugueses ali chegaram, no século XVIII, em expedições para captura de índios para serem vendidos como escravos. Com a criação das primeiras vilas e o crescimento da atividade agropecuária, no século XIX, toda a região passou a depender da mão de obra indígena, fosse no extrativismo, na criação de gado ou em outros serviços. A maioria dos que sobreviveram é da etnia wapixana e macuxi.

Bonfim é um município cujo nome é uma homenagem à Nossa Senhora do Bonfim. Depois de vários ciclos comerciais com a cidade de Lethem, na fronteira da República Cooperativista da Guiana, a vila de Bonfim passou à condição de município em 1º de julho de 1982. O município está localizado à margem esquerda do rio Tacutu e na fronteira entre o Brasil e Guiana, sendo ligado a esse país pela ponte¹ sobre o rio Tacutu, desde 2009.

Com a inauguração da ponte internacional ligando os dois países, foi aberto um novo corredor que veio facilitar não só o comércio e transporte de mercadorias, mas de pessoas que, até então, eram obrigadas a cruzar a fronteira utilizando a balsa e os barqueiros, pagando por esse serviço. Com a ponte houve aumento do trânsito transfronteiriço provocando transformações percebidas já de imediato, como o deslocamento, outrora fluvial, agora terrestre, tanto de pessoas como de mercadorias. A travessia de barco exigia um tempo maior e esse novo corredor provocou um aumento no fluxo de pessoas em direção a Lethem, principalmente intensificando o comércio, promovendo um rápido crescimento econômico local, inclusive com significativas melhorias nas lojas, nas ruas, além do aumento do número de vagas de trabalho e renda.

Com a divulgação dos dados do Censo Demográfico de 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) detectou uma população total de 10.951 habitantes para todo o município. Nessa transfronteira fala-se, além do português, o inglês e as línguas indígenas karíb e arawak (OLIVEIRA, 2011), dando um aspecto transnacional e transcultural a esse lugar. A cidade possui um plano diretor urbanístico com disposição de casas e ruas, fonte de eletricidade interligada ao Sistema de Interiorização da Energia de Guri (GUIA, 2009). A ligação do referido município a Boa Vista é feita pela BR-401, que é totalmente pavimentada.

A cidade de Lethem leva esse nome em homenagem ao ex-governador da an-

¹ A ponte é parte do projeto estratégico do Arco Norte, que liga Roraima às capitais da Guiana, Suriname, Guiana Francesa ao estado brasileiro do Amapá, integrando o Norte brasileiro ao Caribe. Foi custeada com recursos do governo brasileiro.

tiga Guiana Inglesa, sir Gordon James Lethem, que governou no período de 1946 e 1947. No passado, a área onde atualmente se situa Lethem fazia parte da região de Pirara, região que no período colonial pertencia ao Brasil e foi anexada pela Inglaterra após um contencioso denominado “Questão do Pirara”, arbitrado pelo rei Vitorio Emanuel III.

Do ponto de vista étnico a maioria da população é constituída por indianos e negros (SILVA, 2005, p. 9). Segundo Fernandes Neto (2003, p. 34), os primeiros representam a verdadeira diáspora de indianos por todo o antigo Império Britânico, em geral especializados em comércio e profissões liberais, enquanto os segundos representam o grande fluxo de escravos negros do século XIX, trazidos para trabalhar na mineração e na agricultura. Cerca de 22 mil pessoas vivem na Região 9, denominada de Upper Takutu-Upper Essequibo, da qual Lethem é a capital e cuja população é de, aproximadamente, 3.000 habitantes considerando Tabatinga e Culvert City, vilas anexas.

A cidade de Lethem está localizada a cerca de 100 metros acima do nível do mar e às margens do rio Tacutu, que faz fronteira com o Brasil. Do outro lado do rio está situada a cidade de Bonfim, município pertencente ao Estado de Roraima, Brasil, a uma distância de 128km de Boa Vista, sede administrativa do Estado de Roraima e a 700km de Georgetown. Localizada na região chamada de Planalto das Guianas, Lethem é uma pequena cidade de fronteira que serve de base para viajantes que se deslocam tanto para a capital Georgetown e regiões de garimpo quanto para Boa Vista.

A Fronteira Brasil-Guiana

Uma fronteira é um limite, é algo que separa um universo de regras, separa e estabelece limites entre o nós e os outros. São limites simbólicos, políticos, étnicos, linguísticos e culturais. As nações e, em especial os países fronteiriços convivem com o limite territorial, se definem por meio da oposição do “eu” e do “outro”, mas, são como vizinhos que estão sujeitos às influências e interferências de um e outro. Sendo assim, a palavra *fronteira* evoca um limite ou linha divisória entre entidades diferentes e, por consequência, o lugar substantivo ou simbólico onde essas entidades se encontram (RODRIGUES, 2005).

Nesta abordagem conceitual a fronteira entre o Brasil e a Guiana foi encarada não apenas como marco divisório representado por limites e divisões, mas pensada, principalmente, na dimensão do lugar de trânsito, de passagem, de comunicação, enfim de práticas transfronteiriças que implicam empréstimos culturais e trocas sim-

bólicas. Os lugares de fronteiras são espaços de misturas e de intensos fluxos culturais. Os limites políticos nem sempre correspondem aos limites culturais. Como diz Pesavento (2002, p.37),

A fronteira cultural é trânsito e passagem, que ultrapassa os próprios limites que fixa, ela proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e étnica.

Como lugar de trocas, esse lugar pode ser entendido, portanto, como fronteira cultural porque “fronteiras culturais remetem à vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores, significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e ideias” (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Bonfim e Lethem são cidades cujas características culturais predominantes são a diversidade étnica e cultural e que me permite ressaltar o aspecto de cidades fronteiriças, uma vez que os limites dos países são territoriais, mas as culturas dos dois lados interagem e entrelaçam-se permanentemente. De acordo com Canclini (1987, p. 283), “na fronteira não há nada mais intenso do que a questão territorial, pois ela é um espaço que politicamente pertence a um país, culturalmente a dois e socialmente a nenhum”. Nesse lugar transfronteiriço a circulação de pessoas e mercadorias é constante e forma um lugar peculiar. Como diz Ravenstein (1980, p. 69), as “cidades que se situam próximas às fronteiras de Estados tornam-se, virtualmente, centros de atração de emigrantes dos dois Estados”. Ambos são núcleos urbanos simetricamente dispostos dos dois lados de um limite internacional. Dessa proximidade deriva intenso intercâmbio de pessoas, serviços, capitais e informação, mas de modo geralmente assimétrico, às vezes complementar, às vezes competitivo (HOUSE, 1980). Para essas duas cidades a fronteira funciona como elemento articulador e se transforma em um recurso para as populações tanto de Bonfim como de Lethem, uma região onde a presença do Estado tem sido limitada ou, em determinadas situações, até mesmo inexistente.

A inauguração e abertura da ponte que liga Bonfim a Lethem e vice-versa, intensificou o trânsito de pessoas, os empréstimos e trocas culturais. O rio Tacutu se configurava como um limite, uma barreira, já que a sua travessia só era possível por meio de barcos e de balsas de pequenas dimensões, ao mesmo tempo em que o tempo gasto era maior e o número de pessoas e automóveis era reduzido. A partir de 2009, o rio deixou de ser um elemento limitador e o fluxo de pessoas, mercadorias e veículos passou a ser mais intenso e constante. As populações transfronteiriças, devido ao afastamento das áreas mais desenvolvidas e dos centros decisórios, aprenderam a instrumentalizar esta prática “oportunista” tanto nos aspectos econômicos,

sociais e político, como simbolicamente, como, por exemplo, o uso das cédulas de identidade dos dois países. Dependendo do contexto as pessoas apresentam uma ou outra identidade. Dito de outra maneira, as fronteiras, longe de desaparecerem, seguem, por um lado, ocultando processos e manifestações que brotam das margens e, por outro, renovando modalidades de organização da cultura.

A preocupação em resolver os problemas locais levou os moradores dessa região a criar mecanismos e desenvolver estratégias para resolver suas dificuldades, estimulando interações entre os povos de ambos os lados da fronteira e constituindo espaços comuns, lugares com configurações peculiares. Os habitantes de Bonfim e Lethem trocam informações, produtos, mantêm relações sociais, configurando um novo espaço, criando normas e articulações definidas para atender as suas necessidades. É este contexto de contatos culturais, de circulação de bens e mercadorias, mas principalmente de símbolos que são reorganizados, justapostos, entrecruzados, que constroem uma cultura bastante específica que será tratada a seguir.

Culturas de Fronteira

Desenvolver investigações em áreas de fronteira impõe grandes desafios pela complexidade que se apresenta, considerando que ali existe grande diversidade cultural e uma multiplicidade étnica. Sabe-se que entre as populações das cidades fronteiriças de Bonfim e de Lethem os vínculos sociais ultrapassam as fronteiras nacionais e se constrói nesse espaço uma convivência cotidiana, de cooperação, mas também de conflitos, assim como as estratégias a fim de superá-los. As diversidades culturais e étnicas que estão presentes nessa fronteira sugerem uma peculiar articulação de seus moradores em seus cotidianos, a partir da nova maneira de entender as relações que se estabelecem entre si. Essas populações vivem, efetivamente, um longo processo de contatos interculturais e, apesar das diversidades e dos conflitos presentes, os habitantes da fronteira interagem cotidianamente em certa sintonia. As fronteiras entre países são espaços de trocas e de fragmentações culturais (ANZALDUA, 1987; ARCE, 2000; LUGO, 2003).

Santos (1993) associa a existência nos espaços fronteiriços de uma heterogeneidade cultural significativa e, portanto, a ausência de uma única cultura predominante. Este fragmentarismo, para esse autor, é ao mesmo tempo causa e efeito de um déficit de hegemonia cultural. Esse déficit de diferenciação e de identificação, se por um lado cria um vazio substantivo, por outro, poderá consolidar uma forma cultural muito específica, “a cultura de fronteira”. Para Santos (1993, p. 50) é justamente este

contexto global do regresso das identidades, do multiculturalismo, da transnacionalização e da localização que parece oferecer oportunidades únicas a uma forma cultural de fronteira precisamente porque esta se alimenta dos fluxos constantes que a atravessam. A leveza da zona fronteiriça torna-a muito sensível aos ventos. É uma porta de vai-e-vem, e como tal nunca está escancarada, nem nunca está fechada.

Valcuende (1998) enfatiza as “culturas de fronteira” em que grupos aprenderam a instrumentalizar de forma diversa essas fronteiras político-administrativas. De acordo com esse autor, em um mesmo espaço convergem tradições, saberes, formas singulares de apropriar-se do meio que têm um condicionante fundamental: a fronteira.

A forma cultural específica dessa fronteira

As práticas culturais que dão sustentação à tese de existência de uma formação cultural específica, que aqui denominamos de “cultura de fronteira”, decorrem, em parte, da grande heterogeneidade cultural e multiplicidade étnica, ao mesmo tempo em que há uma convivência ora de solidariedade, ora conflitiva; as populações dessas cidades fronteiriças vivem vínculos que ultrapassam as fronteiras nacionais; e compartilham o território. Desta forma, essa fronteira entre os países configura-se como espaço de trocas, de fragmentações culturais, constituindo, em muitos casos, culturas híbridas, mescladas ou que, pelo menos, se apropriam de elementos de uma e outra cultura.

Os contatos culturais e vínculos de parentesco entre os habitantes das cidades de Bonfim e de Lethem existem desde antes do período colonial. Nessa região viviam e, em alguns casos, ainda vivem povos “aparaís, wayanas, tiriyo, waiwai” entre outros (RIVIÈRE, 2001). Trabalhos mais recentes como os de Farage (1991; 2002), Santilli (1989; 1994; 2002), Pereira (2005) e Baines (2006) apontam os macuxi e wai-xana como povos oriundos dessas épocas e que vivem nessa região de fronteiras entre Brasil, Venezuela, República Cooperativista da Guiana.

Em pesquisa de campo, algumas narrativas sobre o intenso trânsito transfronteiriço os moradores referem-se a este fenômeno como “intercâmbio”; como “nosso modo de viver de lá pra cá”. Narram, ainda, que “é assim mesmo, tudo misturado”.

Outro dado assinalado por vários dos meus interlocutores é a noção de pertencimento em que se identificavam afirmando que “nós somos da fronteira”. Para quem vive nessas regiões de transfronteira a linha divisória é tênue e as práticas de deslocamentos tornam-se constitutivas de significados culturais e de identidades. O lugar fronteiriço, enquanto espaço de contatos culturais, proporciona aos diversos

sujeitos entrecruzarem suas trajetórias históricas e culturais, elaborarem a seleção, revisão e reapropriação de novos signos culturais e identitários (CLIFFORD, 1999).

De acordo com Muller, (2002, p.226), quando esses sujeitos dizem “sou da fronteira” estão associando elementos simbólicos que dizem respeito à certa diferenciação em relação a outras regiões ou zonas urbanas, o que dá a eles o sentimento de responsabilidade de estarem estabelecendo os “contornos nacionais”. Esses são elementos que nos fazem induzir que essas populações fronteiriças constituem um modo de vida e de cultura singulares. É nesse lugar de transfronteira que ocorre o encontro das diversas culturas que ali convivem, onde modos de vida se entrecruzam, se mesclam e se transformam. Nesse lugar ocorre, como já dito, o encontro de grupos sociais pertencentes a diversas regiões, diferentes países e estados nacionais, diferentes costumes e tradições. Esse complexo geográfico, político, socioeconômico e cultural constitui um espaço de “realidades fronteiriças” que em parte se caracterizam pela permeabilidade que permite o fluxo do legal e do ilegal, tanto de bens quanto de serviços, e por construir culturas de fronteira.

A interação entre as populações dessa transfronteira se expressa frequentemente através da vinculação social e cultural, adotando-se reciprocamente usos, costumes, valores e expressões idiomáticas que são próprias e distintivas dos dois países que, mesmo separadas por um limite estabelecido, criam um lócus de interação próprio, mais evidenciado naquele espaço geográfico. Conforme menciona Farret (1997), nesses lugares de fronteiras se produz uma interface cujas influências recíprocas determinam comportamentos socioeconômicos e culturais que as diferenciam do restante de seus respectivos países, em que se formam verdadeiras sociedades transfronteiriças. São numerosos os exemplos dessa adoção recíproca como, por exemplo, o hábito de ouvir e dançar o forró e o *reggae*; a música e a televisão brasileira nas lojas e residências de Lethem; na culinária das duas cidades o uso do *curry*, do *rotti*, e do arroz, feijão e farofa e do churrasco brasileiro; o consumo da cerveja brasileira e guianense bem como do chá com leite; na linguagem, a adoção pelos habitantes das duas cidades dos termos “*my brothers*” e “*my friends*” e o entendimento dos dois idiomas; o intercâmbio entre as crianças das escolas, pela necessidade do aprendizado da língua do “vizinho”. Como resultado dessa interação, a existência nessa fronteira de um grupo numeroso e com denominação própria os “Guy-Brás”, resultante dos inúmeros casamentos entre brasileiros e guianenses, que vivem tanto do lado brasileiro como do lado guianense. Na descrição etnográfica, enquanto realizava a pesquisa de campo, relato uma cena comum da fronteira que é o trânsito de pessoas e mercadorias, bem como a flexibilidade dos postos fiscais que, dependendo de determinadas

conjunturas, tornam-se mais exigentes na fiscalização ou mais condescendentes. Por exemplo, observei no posto de fiscalização brasileiro em que se encontram a Receita Estadual e Federal e a Polícia Federal que uma camioneta com placa guianense transportava gás de cozinha provavelmente comprado em postos de revendas em Bonfim – para abastecer o mercado em Lethem. Tal camioneta não foi parada no posto de fiscalização e, de igual modo, diariamente, outros automóveis de moradores de Bonfim se deslocam até Lethem para abastecer seus carros com gasolina uma vez que em Bonfim não existe posto de combustível.

As fronteiras nacionais são pensadas pelas pessoas que ali vivem a partir da permeabilidade, da flexibilidade, da porosidade, ou seja, as fronteiras para as populações locais não são as mesmas concebidas pelos Estados nacionais. Assim, a gasolina comprada na cidade de Lethem por brasileiros e o gás comprado na cidade de Bonfim por guianenses exemplifica em parte esta permeabilidade, os acordos e pactos entre agentes institucionais e populações locais, entre outros.

As particularidades decorrentes dessas situações específicas de áreas fronteiriças, entre elas o contato frequente e permanente entre diferentes culturas geram dinâmicas, trocas e empréstimos culturais que podem resultar no surgimento de formações culturais próprias desse espaço, ou seja, formações mestiças ou híbridas. Neste processo de contatos permanentes, os sujeitos apropriaram-se criticamente dos elementos próprios dos outros, selecionando-os, modificando-os e recombinando-os, desarticulando certos signos e rearticulando de outra forma seus significados simbólicos (RODRIGUES, 2005).

Considerações Finais

Nosso objetivo inicial neste trabalho foi apresentar alguns elementos das dinâmicas e trocas culturais nas fronteiras do Brasil e da República Cooperativista da Guiana, mais especificamente no espaço transfronteiriço constituído pelas cidades de Bonfim e de Lethem.

Uma característica que torna esse lugar singular é a presença de múltiplas culturas e identidades. Os moradores de Bonfim e Lethem vivenciam intensos e históricos processos de deslocamentos de diversos grupos étnicos (macuxi e wapixana), grupos nacionais (afro-guianenses, brasileiros, peruanos, venezuelanos, bolivianos, indiano-guianenses, coreanos, chineses) e grupos locais de brasileiros que transitam nesses espaços intercambiando hábitos, costumes, crenças e valores.

No trabalho de campo foram constatadas dinâmicas culturais e a circulação de elementos culturais que hoje fazem parte da cultura de ambas as populações des-

sas cidades fronteiriças, independentemente da origem tradicional dessa ou daquela cultura. O evento da construção da ponte foi um marco importante na história e vida dessas duas cidades e de seus moradores. Em Lethem provocou um rápido e significativo desenvolvimento: aumentou a oferta de produtos antes não existentes e se transformou em um mecanismo de atração de pessoas, não só de outros lugares (Boa Vista), que atravessam a fronteira para comprar, como para os habitantes de Bonfim que, com o surgimento de novas construções de residências, lojas, restaurantes, postos de combustíveis, entre outros, fez aumentar a oferta de trabalho e emprego. Já do lado brasileiro, a cidade de Bonfim não se beneficiou com tal dinâmica, pelo contrário, nas entrevistas realizadas todos os moradores foram unânimes ao afirmar que a ponte não provocou nenhuma mudança (um ou outro referiu só a rapidez para o deslocamento para Lethem), e que ela havia contribuído para a transferência para Lethem de serviços que existiam nessa cidade brasileira. Recordo-me de um morador que me afirmou: “Se já antes estava difícil aqui, com a ponte ninguém mais entra na cidade de Bonfim, passam direto pela entrada da cidade na rodovia, parece até que não existimos aqui”.

O “estar lá” e a convivência no dia a dia nesse espaço transfronteiriço forneceu-me subsídios para afirmar que esse espaço excede os limites geopolíticos. É construído socialmente no fluxo diário de pessoas, coisas e objetos. Exemplos desse “ir” e “vir” é o trânsito permanente de pessoas que atravessam a ponte diariamente, a pé, de bicicleta ou de carro, trocando informações, produtos, relações, ou seja, configurando um espaço e criando articulações para atender as suas necessidades. As necessidades de um lado são sanadas pela participação do outro, as brechas de um são preenchidas pela ação do outro de modo a se complementarem e se apoiarem mutuamente, desenhando um ambiente diferenciado, próprio das áreas fronteiriças (MULLER, 2002). O trânsito de pessoas de um lado ao outro é permanente, até porque os laços familiares entre brasileiros e guianenses estão presentes nesse espaço. Pelas entrevistas e conversas informais realizadas, foram identificados inúmeros casos de casamentos e uniões entre moradores de ambas cidades.

Nas primeiras observações realizadas sobre o cotidiano dessas populações fronteiriças, foi constatado que entre elas existe uma convivência, e existe entre elas o mesmo sentimento de pertencimento a esse espaço: os habitantes de Bonfim e Lethem sempre se diziam “da fronteira”. Os fatores responsáveis por tal convivência são vários e podem destacar-se as relações de parentesco, como os de casamentos, as atividades econômicas, tanto de comércio como de contrabando, uma história partilhada de interação e complementaridade que, de acordo com Wong-Gonzales

(2002), é construída por um sentimento comum e coletivo de pertencimento ao local.

Devido ao comércio de um lado e do outro da fronteira, os comerciantes são obrigados a aceitar a moeda da cidade vizinha, tornando-se este procedimento condição de sobrevivência. Pela necessidade de sociabilidade e comunicação, e também para a efetuação de suas transações, são criadas zonas de bilinguismo. Identifiquei a presença na rede municipal de Bonfim de alunos guianenses com o objetivo do aprendizado da língua portuguesa e de igual modo alunos de Bonfim que se deslocam para Lethem para o aprendizado da língua inglesa. Os habitantes de Lethem utilizam os serviços médicos e odontológicos daquele município brasileiro.

Sabemos que as fronteiras se caracterizam por serem zonas de indefinição sociolinguística onde atuam duas ou mais línguas. Nessa região de fronteira essa interação se produz a partir dos falantes da língua e da influência dos meios de comunicação, em particular o rádio e a televisão, de um e de outro lado da fronteira. Em várias casas e estabelecimentos comerciais em Lethem observa-se que predomina a influência do Brasil, com músicas populares brasileiras tocando constantemente, junto com o *reggae*. Também as pessoas que possuem televisão têm acesso exclusivamente às emissoras do Brasil e, por satélite, aos canais americanos e britânicos (neste segundo caso, é reduzido o número de pessoas que têm esse acesso). Práticas linguísticas produzem transformações na identidade cultural dos grupos sociais, pois geram transformações na base interpretativa desses povos pelas mudanças nos padrões culturais de interação e de interpretação do mundo.

A necessidade do aprendizado da língua do “vizinho” é um imperativo nessa fronteira. Nas cidades pesquisadas não foi observada a oferta de cursos de português nem de inglês, indicando uma lacuna fundamental à integração cultural. A fim de ultrapassar esta lacuna, os moradores criaram um intercâmbio entre estudantes das duas cidades: alunos que frequentam a escola da sua cidade em um período e no outro, se deslocam para a outra cidade a fim de aprender a segunda língua, que é fundamental para a sua manutenção nessa fronteira devido à presença de familiares dos dois lados da fronteira internacional.

A fronteira geográfica é um limite que é ultrapassado por outros limites, os simbólicos, os culturais, os identitários. A fronteira é, em si, mobilidade. Se os elementos culturais implicam, necessariamente, trânsito, circulação, mobilidade, eles ultrapassam os próprios limites fixados pela fronteira geográfica. Sendo assim, a transfronteira entre o Brasil e a Guiana proporciona o surgimento de algo novo e diferente favorecido pela situação de contato entre as múltiplas culturas, que resulta

em diversas trocas e empréstimos culturais, ou seja, que resulta em uma situação específica de fronteira, a cultura de fronteira.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The new mestiza**. San Francisco, USA: Aunt Lute, 1987.
- ARCE, José M. V. A lotro lado de la línea. Representaciones socioculturales en las narrativas sobre la frontera México-Estados Unidos. **Revista Mexicana de Sociología**, México DF, v. 62, n. 2, p. 125-149, Abril-Junio. 2000.
- BAINES, Stephen. A fronteira Brasil-Guiana a partir de perspectivas dos índios Macuxi e Wapichana. In: ROCHA, Leandro Mendes (Org.). **Etnicidade e nação**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006, p. 85-97.
- BARTH, Fredrik. Os Grupos Étnicos e Suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENAR, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1987.
- CLIFFORD, James. **Itinerários transculturales**. Barcelona: Gedisa, 1999.
- FARAGE, Nádia. Instruções para o presente: Os brancos em práticas retóricas Wapishana. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Orgs.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 507-531.
- _____. **As muralhas dos sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra; ANPOCS, 1991.
- FARRET, R. Especificidades das áreas urbanas de fronteiras. In: IARA, R. C.; KOCH, M. R.; OLIVEIRA, N.; SCHÄEFFER, N. O. & STROHAECKER, T. (org.) **Fronteiras na América Latina: espaços em transformação**. Porto Alegre: UFRGS/FEE, 1997.
- FERNANDES NETO, P. **Caracterização da faixa de fronteira continental norte do Brasil**. UFRJ. Rio de Janeiro: 2003. Disponível em: <http://www.acd.ufrj.br/fronteiras/pdf/p02mono01> Acesso em: 19 de março de 2012.
- GUIA Turístico de Roraima: ecológico, histórico e cultural. Boa Vista/RR: 2009.
- HOUSE, J. W. “The frontier zone: a conceptual problem for policy makers”. In: **International Political Science Review**, vol. 1, nº 4, 1980.
- LUGO, Alejandro. Reflexiones sobre la teoría de la frontera, la cultura y la nación. In: MICHAELSEN, Scott; JOHNSON, David E. (comp.). **Teoría de la frontera: los límites de la política cultural**. Traducción de Gabriela Ventureira. Buenos Aires: Gedisa. 2003.
- MULLER, Karla Maria. Práticas comunicacionais em espaços de fronteira: os casos do Brasil-Argentina e Brasil-Uruguai. In: MARTINS, Maria Helena. (Org.) **Fronteiras Culturais**. Brasil-Uruguai-Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. A presença holandesa na Amazônia caribenha entre os séculos XVI e XVII: da costa selvagem ao rio Branco. In: _____; IFILL, Mellissa. **Dos caminhos históricos aos processos culturais entre Brasil e Guyana**. Boa Vista: EDUFRR, 2011, p. 19-43.

- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. Introdução. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso; BAINES, Stephen G. (organizadores). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.
- PEREIRA, Mariana Cunha. **A ponte imaginária: o trânsito interétnico na fronteira Brasil-Guiana**. Tese. CEPPAC, UnB, Brasília/DF 2005.
- _____. Danças e festas nas regiões de fronteira – La diablada, o forró, o reggae e a parixara: cultura e patrimônio imaterial nas fronteiras Argentina-Bolívia e Brasil-Guiana. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidades e (Des) Igualdades. UFBA. **Anais...** Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>> Acesso em: 07 de maio de 2012.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das Fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena. (Org). **Fronteiras Culturais**. Brasil-Uruguaí-Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: BNB. ETENE. **Migração interna: textos selecionados**. 1 t. Fortaleza: ETENE, 1980.
- RIVIÈRE, Peter. **O indivíduo e a sociedade na Guiana**. São Paulo: Edusp, 2001.
- RODRIGUES, F. S. O lugar Guayana: o mundo vivido. **Projeto qualificação de doutorado**. Brasília: CEPPAC/UnB, 2005.
- SANTILLI, Paulo. Trabalho escravo e brancos canibais: uma narrativa histórico Macuxi. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Orgs). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p.487-505.
- _____. **As fronteiras da República: história e política entre os Macuxi no vale do rio Branco**. São Paulo: NHII-USP/FAPESP, 1994.
- _____. **Os Macuxi: história e política no século XX**. Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais. Campinas, 1989, p.162.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social**. Rev. Sociologia. USP, São Paulo: 5 (1-2). 1993. Disponível em:<www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/Modernidade> Acesso em: 03 de janeiro de 2013.
- Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Roraima. – RR. **Informações socioeconômicas do município de Bonfim 2012**. 2ª Edição. Boa Vista: CGEES/SEPLAN, 2012, p. 61.
- SILVA, C. A. B. **A Revolta do Rupununi: uma etnografia possível**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Campinas, 2005. 267 f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- URIARTE, Luis. **La codosera: culturas de frontera e fronteraculturales**. Mérida: Asablea de Extremadura, 1994.
- VALCUENDE, José M. **Fronteras, territorios e identificaciones colectivas**. Sevilla: Fundación Blas Infante, 1998.
- WONG-GONZALES, P. **Alianzas estratégicas de regiones transfronteirizas: cooperación y conflicto em La frontera. USA-MEXICO**. Assunción: CADEP, 2002.